

A full-page image of Harley Quinn from the movie 'Birds of Prey'. She is wearing her signature pink and black outfit, a clear leather jacket, and a tinsel cape. She has her blonde hair in pigtails and is holding a mallet over her shoulder. The background is a dark, stylized city street with a halftone dot pattern.

CULT
DE CULTURA

COLÓQUIO
NACIONAL EM
ARTE SEQUENCIAL
E CULTURA POP

8 A 10
OUTUBRO
2020

FACULDADES
EST

POP!

CADERNO DE RESUMOS



A DESUMANIZAÇÃO DO NEGRO NAS ANIMAÇÕES

Denizard Custodio⁹⁹

Laura Oliveira¹⁰⁰

Temática e problema de pesquisa

Ultimamente, tem se discutido muito a representação do negro em todos os âmbitos da cultura, e nessa discussão um tópico central é o cinematográfico. *Pantera Negra* (2018) foi um filme que marcou a ascensão da negritude às telas. Mas o cinema negro, ou seja, o cinema que é adepto a “construção da imagem afirmativa do negro e de sua cultura” é antigo, como diz Prudente (2006), e foi cunhado por Glauber Rocha. Este cineasta considerava o cinema como “a principal arma ilusionista do colonizador” (ROCHA, 2008), diante disso, entende-se o quão importante e revolucionário é ter filmes dirigidos por Spike Lee e Jordan Peele, ou atuações de Denzel Washington, Daniel Kaluuya, Will Smith, Viola Davis e Lupita Nyong'o. E devido ao conceito de cinema negro ser amplo, pode ser estendido também as animações, assim, nas últimas décadas muitas são as animações que surgem com o mesmo propósito, pondo negros como protagonistas e culturas não brancas em foco nas telas.

Mas Martine Joly (1994, p.9) destaca que vivemos em uma “civilização da imagem” e logo, a imagem tem um imenso poder, moldando o nosso imaginário. O cinema, dentro dessa sociedade ocupa o lugar de maior destaque, e sendo ele uma arma do colonizador temos de investigar seus traços coloniais. E, dentro da indústria do cinema, é irrevogável que a Disney ocupa lugar privilegiado, sendo a maior produtora de filmes infantis, moldando o imaginário infantil e também as representações dos negros por meio de seus filmes.

Franz Fanon (2012, p.278) afirma que: “É preciso procurar incansavelmente as repercussões do racismo em todos os níveis de sociabilidade”. A busca de como as animações reproduzem o racismo (um componente fundamental da colonização), é nossa tentativa de seguir este imperativo. Pretendemos contribuir com uma crítica estética ao racismo, presente nos filmes infantis, desfazendo a “fantasia” do maravilhoso mundo da Disney e demais filmes animados.

As fabulas são narrativas que utilizam de animais com características humanas, e geralmente passam uma lição de moral para doutrinar a criança de forma que cresça e se torne um bom adulto. Nos apontamentos de Mbembe, ele nos diz que a colonização se utiliza de “efabulações”, presentes em discursos e práticas e tinham o “objetivo de fazer acontecer o Negro enquanto sujeito de raça e exterioridade selvagem, passível, a tal respeito, de desqualificação moral e de instrumentalização prática” (MBEMBE, 2014, p.58). Ou seja, estas ações desqualificam o negro enquanto humano, como um animal selvagem. Lembremos que

⁹⁹ Graduando em Filosofia; Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro; Denizard79@gmail.com.

¹⁰⁰ Graduanda em Comunicação; Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro;
laurarosedoliveirar@gmail.com.



raça é uma categoria biológica, dada anteriormente só à animais, mas posteriormente atribuída a humanos, primeiramente aos negros. Mbembe (2014, p.29) indica ainda que: “as características principais desta relação imaginária estão ainda longe de ser esclarecidas”, e aqui tentamos traçar repercussões cinematográficas da efabulação do ‘negro’.

Desse modo, para melhor entender essa suposta desqualificação, essa desumanização, precisamos voltar e investigar a infância e o imaginário infantil. Filmes se baseiam em narrativas, e Pereira (2019, p. 1005) analisa narrativas percebendo as “metáforas de desumanização”, que define como “a degradação da pessoa humana segundo a abordagem das metáforas e suas implicações dentro da narrativa”. A principal delas é a degradação dos negros, comparando-os a animais.

Então, a desumanização animalizada é reduzir o outro a um animal, negar sua humanidade. E pode ser observada claramente em dois momentos históricos: a construção da associação dos judeus com ratos, na Alemanha Nazista, representada plenamente nos quadrinhos *Maus*, como demonstra Caetano (2016). E a outra, a qual nos concentraremos, que é a associação de corpos negros a animais, durante toda história moderna do Ocidente, que segundo Mignolo (2005) é apenas um outro lado da colonialidade.

Essa associação ocorreu por meio de estereótipos, generalizações e segundo Collins (2016, p.103) a função da imagem estereotipada “é a de desumanizar e controlar”. Assim, observar tais representações são úteis para observar os perigos sociais de tais reproduções racistas em “inocentes” desenhos animados, podendo ser expandida para as mais diversas mídias, como os quadrinhos. Observando os perigos para evitar um pecado da mídia, segundo Bucci (2004), que é o envenenamento da mente das crianças, que de acordo com ele, ainda persiste não pela mídia, mas sim pela cultura. Portanto, a crítica ao âmbito cinematográfico, se torna também uma crítica a cultura racista no geral.

Metodologia

Utilizamos da categoria de “metáfora de desumanização” de Pereira (2019) para analisarmos os longas metragens animados produzidos pela *Disney*, *DreamWorks* e *Blue Sky* estúdios. Especificamente analisamos principalmente os filmes: *A Nova Onda do Imperador* (2000); *A Princesa e o Sapo* (2009); *Um Espião Animal* (2020). Mas também analisamos questões particulares de *Moana* (2016) e *O Caminho para El Dorado* (2000).

Destacamos os personagens principais de cada filme e detalhamos suas características que se encaixam nos estereótipos desumanizantes levantados por Pereira. Ou seja, buscamos a fundo realizar uma percepção de como é feita e qual o sentido dessa desumanização dentro dos desenhos animados, pois o importante não “é acumular fatos, comportamentos, mas encontrar o seu sentido” (FANON, 2008, p.145). Rastreamos a desumanização animalizada e seus diversos âmbitos em influentes animações de longas metragens e as consequentes representações cinematográficas dos negros e não brancos nesses filmes. Durante a aplicação da categoria criada por Pereira, percebemos diferenças significativas e com auxílio de obras de estudiosos da representação negra nas mais diversas mídias, ampliamos novas nuances das metáforas desumanizadoras e criamos outras.



Utilizamos da categoria de amefricanidade de Lélia Gonzalez (1988) e unimos a população negra e indígena como um só grupo, em contraposição ao branco. A escolha do termo ‘negro’ se deu por conta de que na época colonial portuguesa, os indígenas eram chamados de ‘negros da terra’.

Resultados e conclusões

Notamos muitas instâncias que constituem metáforas como: Os negros transformados literalmente em animais; Representação de personagens não brancos com rostos ou corpos com características animais, como aponta Silva (2016); Ou ainda animais que representam e utilizam cultura de grupos negros; A representação do personagem sob a forma de acorrentado, como um animal em domesticação, e sua alimentação degradante para o humano tornado animal; O domesticado, isto é, o personagem negro feliz em servir, de cabeça baixa; A representação no sentido do corpo negro como mercadoria humana, como homens moedas, homens objetos, que só servem pra alguma outra coisa; Dos negros sem família, sem nome ou sobrenome. Dentre as representações estereotipadas observadas, a principal foi a do animal a ser domesticado e posteriormente transformado em humano, caso se comporte.

Analisando o perfil comportamental dos personagens principais das animações, chegamos à conclusão de que todos os negros são retratados da mesma forma, isto é, não merecedores de poder. É como se quando um determinado indivíduo não branco recebe uma posição superior, seja como melhor espião, como príncipe, imperador, e semideus o poder sobe à cabeça e ele começa a se comportar como uma pessoa arrogante. Esse estereótipo é apontado também por Thalita Luduvico (2018), que chama de “síndrome da nega metida”.

Pelo excessivo número desses casos, demos o nome de ‘Jornada do Herói versão racista’, pois o amadurecimento com um determinado personagem em forma de uma “punição” por seus maus atos é comum e talvez até necessário para ser apresentado para as crianças, porém desumanizar todos os personagens negros que possuem papel de destaque nas animações de cinema, não é normal, é racismo. Assim, por meio dessas representações a desumanização animalizada exerce um controle moral, e conseqüentemente social, ditando o que podem sentir ou não, usando da animalização como forma punitiva.

Palavras-chave: Cinema; Crítica estética ao racismo; Desenho animado; Desumanização; Representatividade cinematográficas.

Referências:

BUCCI, Eugênio. **Sobre Ética e Imprensa**. Companhia das Letras, 2004.

CAETANO, Rafaela, A. P. A desumanização do inimigo e seus reflexos em Maus. NAMID/UFPB. **Temática**. Ano XII, n. 10. Outubro/2016.



COLLINS, Patricia, H. Aprendendo com a outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado** – Volume 31 Número 1º Janeiro/Abril 2016.

FANON, Frantz. **Pele negra mascarar brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FANON, Frantz. Racismo e cultura. Em: M. Sanches, (org.), Malhas que os impérios tecem: textos anticoloniais, contextos pós-coloniais. **Lugar da História**. Lisboa, Edições 70, 2012.

GONZALEZ, Lélia. “A categoria político-cultural de amefricanidade”. Rio de Janeiro: **Tempo Brasileiro**, n. 92/ 93, p. 69-82, jan./jun. 1988.

JOLY, Martine. **Introdução à Análise da Imagem**, Lisboa, Ed. 70, 1994.

LUDUVICO, Thalita S. R. MULHER PRETA E A INTELLECTUALIDADE: “A SÍNDROME DA NEGA METIDA”. **Anais XX REDOR**, Encontro Internacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre Mulher e Relações de Gênero. 2018.

MIGNOLO, Walter D. **A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade**. Em: Edgardo Lander (Org.), **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Buenos Aires: Conselho Latinoamericano de Ciências Sociais, p. 71-103, 2005.

PEREIRA, José, G. Uma análise sobre as categorias de desumanização do sujeito entre as personagens negras na obra Úrsula, de Maria Firmina dos Reis. **Revista Estudos Linguísticos**, v. 48, n. 2, p. 994-1011, jul. 2019.

PRUDENTE, Celso. CINEMA NEGRO: Pontos reflexivos para a compreensão da importância da II Conferência de Intelectuais da África e da Diáspora. **Revista Palmares, Cultura Afro – brasileira**, Ano II, Nº3, 2006. p.48-51.

ROCHA, Glauber. **Autocrítica de um Condenado da Terra**. Tradução de Anita Leandro. Revista Cidade Sol. 2008. Disponível em:<
<http://revistacidadesol.blogspot.com/2008/09/autocritica-de-um-condenado-da-terra.html>>.
Acesso em:28/008/20.

SILVA, Ana, Celia. **Desconstruindo a discriminação do negro no livro didático**. UDUFBA. 2º ed. 2010.



SILVA, Célia, R, R. BELEZA NEGRA, ORGULHO CRESPO: NO CORPO (DES)CONSTRÓI-SE A (IN)DIFERENÇA, O ESTIGMA. **Projeto História**, São Paulo, n. 56, p.463-476, Mai.-Ago. 2016.